

PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM ORTOGRÁFICA

Maria Eduarda da Silva Lima ¹
Juliane da Silva Figueirôa ²
Ana Claudia Tavares ³

A aquisição da escrita é uma das maiores dificuldades no contexto escolar, que pode estar envolvida com problemas da aprendizagem, dentre eles alguns menos comentados como a disgrafia e a disortografia do qual se efetua nossa pesquisa. Mediante as dificuldades ortográficas existentes foi notório que o ensino da língua é adquirido por “imitação” e ortografia na sala de aula ainda é vista como tema de cobrança, verificação, avaliação e punição. As aulas de português em sua maioria se voltam para um ensino de regras convencionais que visam normatizar a língua, e os alunos e alunas não são levados a uma reflexão da sua escrita. Prosseguindo com a perspectiva da gramatiquice em sala. Tais prestígios acerca da gramática não são eficientes para adquirir todas as competências da língua, como também nem todas as dificuldades da escrita se resumem apenas em não saber grafar corretamente uma palavra. Buscando identificar as recorrentes formas de escrita consideradas “não ortográficas” realizamos uma pesquisa de base qualitativo-quantitativa em duas escolas. Como resultado identificamos um grande percentual de alunos com dificuldades na ortografia. Contudo, tais dificuldades não estão distantes da vivência escolar e o corpo docente precisa facilitar esse ensino tentando sanar uma série de padrões socialmente constituídos acerca do ensino de língua portuguesa, não deixando a observação de lado, pois dificuldades em longo prazo podem envolver diversos problemas, dentre eles a disgrafia e a disortografia.

Palavras-chave: Aprendizagem; Ortografia, Dificuldade, Linguagem.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem da ortografia na sala de aula ainda visto como tema de cobrança, verificação, avaliação e punição, e fonte de discriminação e exclusão, segundo MORAIS (2007). Além de ser engessada, a norma

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco- UPE, eduardalima007@hotmail.com

² Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, juliane-figueiroa@hotmail.com

³ Professora orientadora: Dra do curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco-UPE,

ortográfica, que têm como princípio um ensino de regras convencionais que visam normatizar a língua, os alunos não são levados a uma reflexão da sua escrita, e acabam aprendendo por “imitação”. Morais prossegue suas afirmações, quando diz que o ensino de gramática nas series iniciais ocorre por imitação e não por reflexão, o que gera dificuldades na aquisição ortográfica. Em suas pesquisas o mesmo sugere uma abordagem de ensino da língua não por mera exposição, mas sim por uma perspectiva semântica e reflexiva. Suas conclusões geraram-se por pesquisas em escolas das redes Municipais do estado de Pernambuco, que traz à tona os apontamentos das dificuldades gráficas.

Em nossa pesquisa os apontamentos direcionam os docentes a um olhar crítico-reflexivo para os problemas de aprendizagem ortográfica, e abrir um leque de conhecimento maior que os mesmos possam exercer tais atividades propostas na prática para assim facilitar a sua metodologia. Além de auxiliar seus alunos/alunas a desconstruindo os estereótipos tachados de chatos e decorebas acerca da aprendizagem da língua portuguesa, facilitando, assim, o ensino de regras gramaticais, bem como sua contextualização por métodos que se aproximem da realidade dos alunos/alunas.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa qualitativa-quantitativa em duas escolas: uma da rede Municipal do Recife, em uma turma de 5º ano e a outra da rede privada do município de Paulista, em uma turma de 6º ano. Nas quais foram trabalhadas sequências didáticas que objetivaram identificar as recorrentes formas de escrita consideradas “não ortográficas”. Construímos um texto com palavras em aberto que tinham sons semelhantes e palavras consideradas “difíceis de serem escritas” para os anos apontados. Em seguida foi realizado o ditado do texto e os/as alunas tinham que escrever as lacunas em aberta, daí realizamos a análise de nossa pesquisa, juntamente com conversas com as professoras acerca do comportamento linguístico dos/das alunas e podemos identificar: 38% dos/das alunas possuem disortografia, 33% disgrafia e 29% não apresentaram nenhum problema fora do normal para o período estudantil em que se encontravam.

COMO PRATICAR A METODOLOGIA EM SALA DE AULA?

Como forma de auxiliar os docentes no processo de ensino com alunos/alunas que possui problemas ortográficos, realizamos uma oficina com professores/professoras em formação que mapeou os seguintes aspectos: mostrar os apontamentos da nossa pesquisa e algumas alternativas que podem facilitar o ensino/aprendizagem desses alunos/alunas. Como ponto inicial foi realizada uma breve explanação e diferenciação acerca dos assuntos relacionados e do que vem a ser disgrafia e disortografia. Assim, foi indicado algumas propostas que visavam munir os professores de instrumentos de ensino para auxiliar os discentes que apresentam algum desses desvios ortográficos; como jogos, dinâmicas e atividades. O jogo proposto foi o bingo com palavras, nele continha palavras com som/fonema semelhantes, para instigar a discriminação auditiva e assim promover a grafia correta das palavras na cartela. Como também, as dinâmicas que trabalhavam a coordenação motora grossa e fina, sempre em conjunto, para que assim os alunos e alunas não se sintam excluídos/excluídas no processo de

aprendizagem. E por último, atividades de produção, na qual os docentes produziram propostas de intervenções que poderiam ser implantadas em suas respectivas salas de aula, de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos/alunos.

DESENVOLVIMENTO

A disgrafia é caracterizada pela dificuldade de transcrever para o plano motor o que foi captado no plano visual, que se relaciona com traçados gráficos no ato da escrita. Os discentes com disgrafia não são portadores de deficiência visual, nem motora, mas podem apresentar outros transtornos, como a dislexia e o TDH. Características como: traçados ilegíveis ou de má qualidade, mistura de letras em caixa alta e caixa baixa em uma mesma palavra; margens inexistentes ou mal feitas, letras muito larga, muito pequena ou muito grande; espaçamento muito grande entre as letras e ou/as palavras, Inclinação involuntária nas palavras no ato de escrever e movimentos contrários ao da escrita convencional são alguns dos aspectos que podem ser presentes em pessoas que possui disgrafia. A disortografia por sua vez, são múltiplos erros gramaticais, como também trocas ortográficas por meio da linguagem oral. Trocas de consoantes surdas por sonoras, omissão ou acréscimo de fonema, substituição de vogais nasais por orais, dificuldade em fixar as regras e compreensão de que uma letra pode corresponder diversos sons são dificuldades presentes na aprendizagem da ortografia, porém, alunos/alunas que apresentam essas dificuldades a longo prazo e com muita intensidade/recorrência são considerados disortográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nítido que os alunos/alunas têm dificuldades ao grafar uma palavra, pois muitos são os transtornos que envolvem os problemas no processo de ensino/aprendizagem da ortografia. Buscando identificar a disgrafia e a disortografia em nossa pesquisa, apontamos um grande percentual de discentes com esses problemas, ou seja, não é uma situação tão distante da realidade escolar. Os apontamentos de nossa pesquisa nos condicionaram para tais pensamentos e chegamos à conclusão de que os professores/professoras precisam de alguns auxílios para melhorar esses aspectos do ensino, que é de primordial importância para os educandos/educandas. As causas desse processo é a forma do ensino defasada, na qual o professor/professora explana a escrita alfabética propondo apenas a memorização lexical, a qual sabemos que a mesma deve ser materializada e concretizada partindo de uma reflexão construtiva acerca da língua e seus usos, sejam eles oralizados ou escritos, pois como afirma ANTUNES (2012) a população em geral, sobretudo acredita que “estudar uma língua é estudar gramática”, “saber uma língua é saber gramática”, “analisar um texto é dar conta de sua gramática”, “aula de português tem que ser aula de gramática”. Assim, sabemos que não é, pois, a gramática por sua vez não abarca todos as vertentes que devem ser contempladas no ensino da língua portuguesa.

Com esses resultados é evidente que existe sim muitos alunos/alunas com disgrafia e disortografia, porém, nem todas as vezes, nós como professores e professoras de língua portuguesa, conseguimos identificar, nem tão pouco se adaptar com problema, para assim, tentar reduzir a defasagem acerca do ensino da língua materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das evidências explicitadas em nosso trabalho é notório que as aulas de língua portuguesa tem um lugar destinado a sistematização do ensino ortográfico, o professor/professora não deve ser um detentor mas sim, um facilitador do conhecimento. É imprescindível que o mesmo(a) incorpore em sua metodologia sequências didáticas que colaborem para o avanço progressivo dos domínios lexicais, textuais e gramaticais, dos alunos/alunas, de forma que os auxiliem em suas construções intelectuais. Portanto, o aprendizado eficaz ocorre através de intervenções pedagógicas que estejam atentas no processo construtivo do conhecimento dos/das educandas. Dessa forma, esperamos que o presente trabalho desperte nos/nas docentes uma visão mais aguçada que esteja voltada para os problemas de aprendizagem, evidenciando a disortografia e a disgrafia.

REFERÊNCIAS

Alunos praticam produção de texto no gênero carta de reclamação. 2013 (adaptado).

Disponível em: eeepmartagiffoni.wordpress.com.

ANTUNES, I. **Território das palavras.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, L. **Jogos de ortografia: a mediação docente no processo de ensino-aprendizagem da norma ortográfica.** Camaragibe: IGP editora, 2017.

ESOPO. **Fábulas de Esopo.** São Paulo: Companhia das letrinhas, 2005.

JOSÉ, Elisabete da Assunção. COELHO, Maria Tereza. **Problemas de aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2008.

MELO, J. **Relações entre a escrita alfabética como um sistema notacional e a psicogênese da língua escrita.** Camaragibe: IGP editora, 2017.

MORAIS, A. **O aprendizado da ortografia.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MORAIS, A. **Ortografia na sala de aula.** Recife: Autêntica, 2007.

MORAIS, A. **Ortografia: Ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 2012.